

OS MEUS DOIS PAIS

Prólogo

Sete horas da manhã de um dia que ameaça ser de calor e de muita alegria. Rodrigo, deitado na sua cama, acorda para aquele que vai ser o mais feliz da sua vida. Os primeiros raios de sol penetram no seu quarto através da fina cortina que ele próprio escolheu e que, com a ajuda do seu pai, ali colocou. Naquele quarto onde tantas coisas aconteceram; o quarto onde derramou lágrimas de alegria e de tristeza; ali desabafou, ali engoliu as suas revoltas, tantas vezes incompreendidas. E foram ali, também, tomadas as principais decisões da sua vida. Acima de tudo, foi naquele quarto que passou infindáveis horas a conhecer o seu pai e foi ali que o bichinho da arquitectura se apoderou de si. As humilhações na escola, a sua primeira e única namorada, as suas dúvidas e todas as hesitações foram ali compreendidas e esquecidas.

E, afinal de contas, aquele era um quarto bonito. E Rodrigo lembra-se de dizer ao pai, aos 16 anos que não gostava de candeeiros e que, no seu quarto, apenas queria tomadas no chão, conduzidas a vários interruptores, colocados perto da porta. Foram necessárias algumas obras para reajustar aquele espaço de acordo com as suas “reivindicações”, mas nada que o seu pai não fizesse por si.

– O resto vai ficar por minha conta. – Chegou ele a dizer. – Afinal de contas, se eu é que vou lá dormir, quero-o ter como eu gosto.

E mais ninguém teve a coragem de interferir. Toda a decoração foi decidida por ele. Simples. No lugar da cama, tinha dois colchões, um por cima do outro, sobrepostos numa vistosa pele de vaca que ele próprio encomendou, via Internet, num site da especialidade. De cada lado da sua cama, duas mesinhas de cabeceira, em acrílico branco. Um candeeiro prateado de um lado e, do outro, o seu pequeno telefone. Aos pés da “cama” tinha outra mesa em acrílico, da mesma largura dos colchões, cheia de plantas e de desenhos. Ao lado da porta, um camiseiro quase da sua altura. Uma pequena mesa e um sofá, bem no meio do quarto e, no fundo, o seu roupeiro espelhado. E a entrada para a sua casa de banho, era mesmo ao lado do roupeiro. Por fim, duas grandes janelas, deixavam-no ver tudo o que acontecia no enorme jardim que rodeava a casa.

Ainda deitado na sua cama, Rodrigo pensa naquele que vai ser o seu último dia de solteiro, naquele quarto, naquela casa. Aos 17 anos tinha decidido casar, porque tinha a plena consciência que amava aquela rapariga como jamais pensara amar alguém; mesmo os seus pais, com tudo aquilo que eles haviam passado. Eles cansaram-se de lhe dizer que ainda era novo e que tinha uma vida à sua frente. Mas, em resposta, argumentava sempre que, se tinha essa vida plena, gostaria de a partilhar com a mulher que amava. E, com 15 anos de idade, Rodrigo já era muito adulto; mais do que a maioria das pessoas que conhecia, muitas delas muito mais velhas. A vida tornou-o adulto à força. Incompreendido por uns, despercebido por outros, Rodrigo obrigou-se a crescer e a defender-se; e conseguiu-o: venceu tudo e todos e essa glória ninguém lhe tirava.

Depois de se espreguiçar por quase dez minutos, Rodrigo levanta-se e dirige-se a uma das janelas do seu quarto. Estava completamente nu, com o seu pénis erecto, como sempre está quando acorda, sentindo-se o dono do mundo, de braços esticados, espreguiçando-se junto à janela. Sempre dormiu nu, da mesma forma que é assim que sempre se desloca a uma das suas janelas. Por mais de uma vez os pais o encontraram naquela posição junto à janela e, por mais de uma vez o repreenderam.

Cinco minutos depois de contemplar a beleza do jardim, Rodrigo atravessa o seu quarto rumo à casa de banho, para ali, tomar o seu último banho. Uma meia hora depois, encontrava-se, de novo, deitado sobre a sua cama, a pensar no quão feliz a sua vida tinha sido. Passou por vários problemas, é certo. A morte da mãe, que mal conhecera; a grande cidade; o seu novo pai; os novos amores e desamores do papá. As longas conversas e, principalmente, as grandes dificuldades que, os três, juntos, atravessaram.

E, com um sorriso nos seus lábios, Rodrigo voltou a adormecer. E sonhou. Sonhou com tudo aquilo que estava a pensar; sonhou o quão difícil foi a vida dos seus dois pais...